

10ª aula

O caminho das almas

Nem sempre as descrições etnográficas se detêm naquelas crenças religiosas que operam no sentido de coagir os membros de uma sociedade indígena a pautarem seu comportamento por um código moral. Alguns casos dão até a impressão que a imposição desse código fica por conta da operação das próprias regras sociais com pouca ou nenhuma interferência de sanções sobrenaturais. É o que nos faz supor o exemplo dos timbiras, entre os quais os méritos e as faltas individuais são premiados ou punidos pelo reconhecimento ou reação dos demais. Assim, o homem brigão tem de mostrar que também é valente, pois fatalmente será escolhido, num certo rito, para quebrar uma casa de marimbondos; o homem trabalhador tem geralmente um filho ou uma filha investidos num papel ritual muito honroso; e, num meio social em que homens e mulheres não restringem a sexualidade aos laços matrimoniais, a barreira ao incesto se faz pela procura de um equilíbrio regulado pela norma segundo a qual tudo o que é feito para os parceiros sexuais, inclusive oferta de alimentos, é contabilizado e fatalmente cobrado. Punições e prêmios na vida após a morte não existem. As almas dos mortos vivem algum tempo em aldeia própria, com uma vida social pobre e menos aprazível que a deste mundo; cada alma, a seu tempo, também morre e se transforma em animal de caça, não consumido pelos vivos, pois é reconhecido pela falta de gordura e pelo mau odor; este animal morre e se transforma num inseto, que também vem a morrer, virando um toco de pau. Este, quando o cerrado pega fogo, desaparece.

O caminho dos perigos, dos marubos

Há, porém, sociedades que dão importância a sanções sobrenaturais, que se aplicam até depois da morte. É o caso dos marubos, do sudoeste do Estado do Amazonas. Os marubos admitem que cada indivíduo tem várias almas, mas elas se resumem a duas: a do lado direito e a do lado esquerdo. Após a morte, esta última fica nesta camada terrestre, mas a outra, a da direita, também chamada do coração, enceta sua viagem para a segunda camada celeste e, se conseguir alcançá-la, aí se tornará imortal. Para lá chegar, deve percorrer um caminho, o *Vei Vai*.

Vei Vai quer dizer caminho (*vai*) da névoa (*vei*), certamente porque atravessa uma região cósmica em que outras camadas também têm seu nome precedido por *vei*, como esta terra em que se vive (*Vei Mai*) e a primeira camada celeste (*Vei Nai*), que ele ultrapassa para chegar à camada celeste seguinte, chamada *Shoko Nai*. A alma que o percorre encontra vários obstáculos ou perigos, aos quais não pode sucumbir, sob pena de se transformar numa casa de cupim ou num desses obstáculos e aí mesmo ficar para sempre.

Os obstáculos. Uma descrição sumária desses obstáculos pode ser encontrada nas pp. 34-43 do livro *A Morada das Almas*, de Delvair Montagner (Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1996), que parece prometer um texto especial sobre o *Vei Vai*,

uma vez que não pode explorar toda a sua complexidade no referido livro. Um desenho feito por um jovem marubo, reproduzido na p. 36, mostra alguns desses obstáculos, talvez menos da metade do número deles. Vou usar o desenho para colocar os perigos numa ordem de apresentação, embora outros marubos entrevistados pela autora ofereçam descrições divergentes. O próprio texto da autora, no qual me apoio, não segue a mesma ordem do desenho.

Conforme o desenho, o primeiro perigo encontrado é a Lama (*Vei Matsá*), sobre a qual a alma deve saltar, sob pena de aí ficar mergulhada para sempre. Têm dificuldade em ultrapassá-la sobretudo as almas daqueles que “namoraram errado”, ou seja, membros de seções proibidas.

Em seguida está a Rede (*Vei Pani*). Na verdade, a julgar pelo texto do livro, essa Rede faz parte de um conjunto constituído por uma Maloca, sobre a qual está um Macaco-Preto e uma Juriti, e dentro dela uma Mulher, a Rede e um Poço de Água Fervente. Em torno da Maloca há Urtigas. A alma aí ficará se usar a Rede para descansar, ou será atirada na Água Fervente ou ainda se entristecerá com o canto da Juriti.

Depois, conforme o desenho, está a Goiabeira (*Vei Yōká*). Refere-se o texto a outras árvores frutíferas do caminho. A alma não deve parar para comê-las. Se tiver fome, pega algumas e delas come apenas a metade, jogando o restante fora. Assim não se transforma numa delas.

Em seguida o desenhista pôs o Macaco Preto e a Maloca, já referidos acima.

Depois está o Jabuti, que pode quebrar os tornozelos da alma com seu casco, ou impedir-lhe a caminhada negando-lhe passagem pela sua maloca.

Prosseguindo, está *Vei Maya*, linda mulher que atrai as almas masculinas para relações sexuais e as transforma em cupinzeiros. Há também belos homens, que o desenho não mostra, que fazem o mesmo com as almas femininas. As almas daqueles que em vida respondiam facilmente aos apelos sexuais aí sucumbem.

O desenho mostra, depois, a Coruja (*Vei Popo*), armada com um arco, e que ameaça atirar flechas na alma.

Depois dela o caminho se bifurca, um destinado às almas dos marubos e outro às dos civilizados.

Na p. 42 o livro deveria apresentar um esquema do *Vei Vai* desenhado por um outro marubo, mas, infelizmente, uma falha da oficina gráfica o omitiu, deixando apenas a legenda. Por ela se sabe que depois da Coruja há também o Japiim, que anuncia a chegada da alma a seus parentes já presentes na camada *Shoko Nai*. Conforme o texto do livro, nesse final do caminho também estão o Japu Pequeno, que indica à alma o caminho próprio de sua seção. Aí também fica um Papagaio fêmea.

Nem o desenho e nem o esquema apresentam todos os obstáculos. O texto do livro refere-se a mais alguns. Por exemplo, há uma Ponte sobre um Rio. A Ponte se encolhe quando a alma tenta atravessá-la. Se ela cai no Rio, que tem Água Fria, será ferida pelo Grande Camarão ou pelo Caranguejo. A alma de mulher usa, para puxar a Ponte, um pequeno estile usado outrora nos orifícios feitos nas abas do nariz, ou a espátula para compactar o tecido no tear. Há Gente que agarra homens e mulheres que tiveram relações extraconjugais. Na beira do *Vei Vai* também crescem palmeiras com

Contas para enfeites e Cestas; a alma não deve se demorar aí a catar essas coisas, sob pena de se transformar em cupinzeiro. Há uma Fogueira que deve ser pulada, e o seu fogo sabe distinguir as almas daqueles que foram trabalhadores, hospitaleiros, cumpridores dos deveres do parentesco, das demais. Há o Sangue, cujo mau odor faz a alma daquele que foi flechado ou baleado enfraquecer-se. Existe também o Sangue de Anta, que ferve num buraco e ameaça as almas das mulheres que morreram de hemorragia genital. Tanto um como o outro Sangue podem ser evitados se a alma utiliza uma pena para fazer uma ponte sobre eles. A Abelha é mais um obstáculo; ela ferroa e urina sobre as almas masculinas e as deixa cansadas. Mas as almas dos homens que usaram rapé e ayahuasca produzirão um vento que as fará voar e afastará a Abelha para o lado; uma asa de arara também poderá afastar a Abelha e o cheiro de urina.

O Caminho da Água. A julgar pelos motivos que fazem os obstáculos operarem e os recursos utilizados pela alma para deles escapar, espera-se que a alma se comporte no Caminho da mesma forma como a pessoa se comportava em vida, o que fará com que se salve ou se perca. Por um lado, tanto os atos reprováveis praticados em vida quanto as circunstâncias da morte (morrer baleado, flechado, com hemorragia genital) podem tornar os obstáculos mais ameaçadores, o que nos deixa em dúvida se o julgamento dos mortos é pautado apenas por um código moral. Por outro, mais do que um comportamento irrepreensível, o que parece militar em favor da salvação do morto é a posse de um conhecimento que procurou cultivar em vida e que lhe oferece recursos para contornar os perigos do Caminho.

Mesmo assim, nem todos os mortos estão sujeitos a julgamento pelo mesmo tribunal. As almas dos mortos da seção dos *Satanáwavo* (*sata* significa “lontra”) e da seção que com ela constitui uma unidade exogâmica matrilinear dirigem-se à camada *Shoko Nai* pelo Caminho da Água (*Ene Vai*), que não lhes oferece perigo.

Origem do Caminho dos Perigos. Segundo mitologia marubo, esse Caminho foi criado justamente devido ao comportamento reprovável de um marido para com a sua esposa, chamada *Maya*. As versões disponíveis do mito variam entre si. Mas em suas linhas gerais contam que o marido batia muito em *Maya*. E tanto bateu que ela saiu a pedir que a onça ou a cobra a matassem. Uma cobra a picou e ela morreu. Sua alma então procurou os espíritos *Shono Yové Nawavo* e *Shai Nawavo* e pediu-lhes que fizessem um caminho por onde as almas dos mortos devessem passar e aí sofressem, a começar pela alma do marido. Até então os mortos usavam o caminho chamado *Yové Vai*, que lhes permitia ir e voltar, ou seja, reviver novamente neste mundo. Os espíritos solicitados fizeram o caminho usando do mesmo procedimento aplicado por outros heróis míticos que fizeram a terra, os rios e os seres que os habitam, os vegetais cultivados: matando animais e transformando partes de seus corpos no caminho e nos obstáculos que existem ao longo do mesmo. Não é o caso de me deter aqui nos detalhes da construção do caminho, por estarem ainda sob a forma de dados brutos e não analisados à espera do texto prometido por Delvair Montagner. A própria *Maya* veio a se tornar um dos obstáculos do *Vei Vai*: a mulher que se oferece às almas masculinas, que, se deitarem com ela, transformam-se em cupinzeiros.

Mitos complementares. É digno de nota que a alma, depois de passar pelos obstáculos de um caminho criado por motivo de uma relação conjugal insustentável, vá viver para todo sempre com seus parentes já falecidos da mesma seção, ou seja, com quem não pode se casar.

A qualidade da relação conjugal também é focalizada num outro mito relativo ao destino das almas. Conta que um homem era casado com duas mulheres, irmãs entre si. Uma o amava e respeitava; a outra não gostava e zombava dele. Ele morreu e passou pelo rito funerário, sepultado numa versão, cremado noutra. Algum tempo depois, o filho (ou dois filhos, conforme a versão), quando brincava com flechas nas vizinhanças da maloca, viu o falecido pai sentado num tronco ou monte de lenha. Depois de alguma insistência do menino, a mãe, que não acreditava no que ele contava, foi pessoalmente averiguar e constatou que seu marido havia realmente voltado do céu. Bem recebido por uma das esposas e desdenhado pela outra, que já tinha outro marido, o homem resolveu levar a primeira e seu filho para o céu. Fez a mulher subir por um fio, até o céu; depois, seu filho. Disse à mulher que o desdenhava, e que queria subir também, que ele iria primeiro e ela ficaria para o fim. Ele então subiu e depois içou a segunda mulher. Quando ela já estava bem alto, ele cortou a linha.

Há um outro mito que não se refere à morte, mas a algo que não falta nos ritos funerários, que é o choro (*rona*). Também ele envolve uma relação conjugal problemática. Conta que uma mulher, *Rona Maya*, era casada com um homem que, junto com os irmãos dele, comia bananas o tempo todo. A mulher ouvia o tempo todo o barulho da mastigação. Os irmãos do marido contaram a ele que a mulher não gostava deles, pois eram gulosos. Fingiram que saíam para uma caçada, mas resolvidos a não voltar mais. O marido deixou sua mãe e o seu filho com a mulher dele. Instalaram-se longe, numa casa abandonada. Eles caçavam, comiam, choravam de pena da mãe que estava sem comer carne. Quando trovejava, choravam. Quando ouviam a juriti, choravam. Choravam todos os dias. Os homens faziam a comida, pois não tinham mulher. O marido fazia arco, flechas, pentes e chorava com pena da mulher. Tristes batiam o trocano. A mulher, por sua vez, ouviu o canto da coruja (*veno*) e tomou-o prenúncio do retorno dos caçadores. Colheu muita banana, fez mingau e esperou. O mingau se estragou e eles não retornaram. Fez mais mingau, mas eles não vieram. E ela chorava pensando no marido, no filho que sentia falta do pai.

O mito da perda do fogo, já comentado na 9ª aula, também pode ser contado entre aqueles que partem de uma relação marital problemática.

Enfim, todos esses mitos que começam com uma relação conflituosa entre marido e mulher terminam com uma perda: o fogo; as divisões sexual do trabalho, no mito do choro; a possibilidade de retorno ao mundo dos vivos nos mitos do marido falecido que voltou e no do *Vei Vai*, este com o agravante da ameaça de perdição perante seus obstáculos.

No vale do Guaporé

Nas pp. 213-41 da coletânea de mitos *Terra Grávida*, organizada por Betty Mindlin (Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos [Record], 1999) estão reunidas algumas narrativas dos macurap, ajurus, aruás, aricapus e jabutis referentes ao destino das almas dos mortos. Todas essas etnias são de falantes de línguas do tronco tupi, mas de diferentes famílias: os macurap e ajurus são da família tupari; os aruás, da família mondé; os aricapus e jabutis, da família jabuti. Junto com outras etnias, quase todas também tupis, são remanescentes de grupos outrora mais populosos que hoje se agregam em duas terras indígenas: Rio Branco e Guaporé, no Estado de Rondônia.

Segundo os macurap (pp. 217-9), a alma do morto deve seguir por um caminho até a maloca dos espíritos *Dowari*. No seu percurso tem de atravessar um largo rio sobre uma ponte, que é a cobra *Botxatô*, ou arco-íris. Uma vez sobre a cobra, esta vai para as alturas, para o céu. Embora a cobra não seja hostil, os seres que a alma encontra ao longo da travessia são ameaçadores: a Garça que quer comê-la; o Pato Velho que dispara flechas, porque quer comer-lhe o fígado e só não acerta se a alma está protegida pelos pajés da aldeia ou é amada pelos espíritos protetores; a Aranha, o Piolho, o Carrapato, o pássaro *Narabowawá* tentam agarrá-la e dos quais só escapa se ficar temporariamente pequenininha. Há outros seres horrendos que a ameaçam e a alma os enfrenta chorando, chamando pelo pai e pela mãe. A chegar próximo à maloca dos *Dowari*, na serra do céu, a alma fica chorando como um nenezinho debaixo de um pé de urucu. Passa a noite sob a ameaça de abelhas e formigas que querem comê-la. Quando os *Dowari* dão-se conta de sua chegada, ela é socorrida pela irmã da mãe. Ela já está como um nenê, mas tem cabelos, cotovelos, joelhos e queixo compridos. A tia apara essas partes do corpo, fazendo-a bonita de novo.

Para os ajurus (pp. 221-3), a alma do morto segue para oriente pelo caminho chamado *Djapé*. Encontra um tronco grosso, que não consegue pular e aí é assediada por aranhas caranguejeiras e formigas tocandeiras. Se ela gritar, o tronco aumenta ainda mais de tamanho. Espíritos protetores a aconselham a ficar calada. Se consegue manter o silêncio, o tronco diminui apenas um instante e ela deve aproveitar para pulá-lo. Depois encontra o Gavião, que, sujo, fétido, lhe pede para catar seus piolhos. Ela deve estalar o piolho e fingir que o come, mas sem fazê-lo. E ainda deve responder afirmativamente, quando o Gavião lhe pergunta se é cheiroso. Deve aguentar sua repugnância e só vomitar depois de ter passado pelo Gavião, pois, caso o faça na sua frente, será comida por ele. Em seguida tem de atravessar um rio largo, usando uma ponte que é uma cobra. A cobra fica distante cerca de um metro da outra margem e a alma tem de pular para a beirada sem cair na água, o que levaria a cobra a comê-la. Ao chegar ao reino dos mortos, o *Guiaé*, a alma desmaia, e a alma de um pajé a faz voltar a si. E ela aí se instala, inclusive com família. Durante o percurso desse longo caminho, muito cansativo para a alma, uma pajé aqui da terra vai lhe dando assistência.

Ainda segundo os ajurus, o caminho *Djapé* é percorrido pelos mortos de todos os povos: ajurus, macurap, tuparis, atuás, jabutis, aricapus, canoês. Mas há uma distinção sobre a qual o texto não dá maiores detalhes: os que morreram de doença vão pelo *Pawi-apé* e os que morreram assassinados, pelo *Wainko-apé*.

Conforme os jabutis (pp. 234-5), as almas dos mortos atravessam um lago ou um rio largo sobre uma ponte que é uma jiboia chamada *Neru*. A cobra somente emerge quando há alguém para passar. Por ela a alma chega ao reino dos mortos, chamado *Beroné*, onde o sol é menos quente que aqui. Há também um caminho dos mortos, chamado *Hinowid*, mas o texto é omissivo sobre o modo como está conectado à ponte *Neru*. É um caminho cheio de perigos e coisas ruins. Nele está o monstro *Berapariti*, que tem dedo comprido e come os passantes. A alma que o percorre se esconde do monstro; ele a chama; mas só quem for muito bobo o atende.

O depoimento de um outro índio jabuti (pp. 239-41) dá três nomes diferentes para o caminho dos mortos, nenhum dos quais coincide com o nome já referido. A alma sobe, encontra uma nuvem semelhante a algodão, abre-a e a atravessa como se fosse um mosquiteiro. Ao passar para o outro lado, a alma sabe que seu corpo já morreu. Os mortos que a precederam vêm buscá-la e fazem rapé para ela. Parece que é a partir daí

que há um lago grande, que deve ser atravessado por uma ponte, que é uma cobra vermelha, grande e comprida. Depois da ponte há um pé de urucu e uma árvore de cheiro bom que produz uma tinta branca. É preciso pintar o corpo com a mistura de urucu com essa tinta. Daqui para frente o depoimento é confuso, pois a visão tradicional é complementada pela experiência pessoal de xamã do narrador. Diz que entre a nuvem e o *Beroné*, que é o ponto final do percurso, há muitos caminhos e a alma tem de escolher o certo. Caso escolha algum outro, depara-se com espíritos maus que a matam e comem, como *Kubiranoti* e *Wakanotí*, um gaviãozinho que, a julgar pelo seu grito “waká, waká”, é o mesmo Gavião do caminho descrito pelos ajurus.

Comparação

Tanto a mitologia marubo quanto a dos grupos tupis do vale do Guaporé admite que antes da existência do caminho das almas, havia a possibilidade de os mortos retornarem à vida neste mundo. Para os marubos, essa possibilidade teve fim quando *Maya* se vingou dos maltratos que recebeu em vida do marido, ou quando o marido desdenhado pela segunda esposa cortou a linha por onde ela subia ao céu. No vale do Guaporé, os macurap (pp. 213-6) e os aruás (pp. 226-30) contam o mito de *Kambiô*, que também se refere ao encerramento dessa possibilidade. As duas versões não são iguais, mas contam que *Kambiô* morreu, e ressuscitou como criança dias depois. A mãe o alimentava com batata, muita batata, e ia toda hora à roça para colher mais batatas. Na ausência da mãe, uma velha pedia batatas a *Kambiô*, que as cedia. Quando *Kambiô* não pôde atender seu pedido, dizendo-lhe que esperava pela mãe para trazer-lhe mais batatas, a velha chamou-o de sovina e disse que ele deveria ter morrido de vez. *Kambiô* zangou-se e foi embora. A mãe foi à sua procura e entrou na aldeia dos *Dowari*, sob protestos de que vivos ali não podiam entrar. *Kambiô* então pediu-lhe para ir buscar um pente que ele havia esquecido. Enquanto ela procurava o pente nas palhas da maloca, um escorpião (numa das versões o próprio pente transformado) a picou e ela morreu. Então ela pôde ficar com o filho na aldeia dos *Dowari*. Estes, para não serem importunados, resolveram ir para mais longe e explicaram aos pajés que, quando alguém morresse de agora em diante, haveria muito sofrimento, uma vez que os vivos teriam de realizar rito trabalhoso e com ingestão de muito rapé. Na versão aruá, após as pessoas começarem a morrer de modo definitivo, os mortos eram convidados a visitar os vivos e recebiam presentes. Porém uma moça viva insistiu em namorar um rapaz morto e morreu quando os mortos deixavam a aldeia depois de uma visita. Por isso *Kambiô* e os demais mortos resolveram ir morar muito mais longe e hoje é difícil fazer contato com eles.

Se o morto marubo se vale dos conhecimentos que adquiriu em vida para evitar os perigos do caminho *Vei Vai*, as almas dos ajurus e macurap são ajudadas no seu percurso pelos pajés que as assistem daqui da terra; as dos últimos também recebem ajuda de espíritos protetores.

Para os marubos, depois de passar pelos perigos, há um caminho para os marubos e outro para os civilizados. O dos marubos, por sua vez se abre em leque, dando origem a um caminho para cada seção. Já foi dito acima que os ajurus admitem a existência de um caminho para os mortos por doença e outro para os assassinados; dizem ainda (pp. 224-5) que seu(s) caminho(s) é (são) para o poente, enquanto o dos jabutis é para o oriente. Para os jabutis, as almas de cada etnia têm um caminho; o dos jabutis fica para oriente; o dos ajurus e o dos macurap, para outras direções.

Acreditam os marubos que a alma que consegue chegar ao final do caminho tem sua pele trocada por *Roka*, que vive na camada *Shoko Nai*, tornando-se imortal; as almas dos civilizados são recebidas por *Nawa Roka*. Para os aruás (pp. 226-7), as almas daqueles dentre os seus que morreram de doença são conduzidas a *Paricot* por um pajé, usando uma estrada no céu; as dos assassinados vão para a casa de *Zagapuy*, que é aqui mesmo, não vão para canto nenhum.

Segundo a mitologia marubo, a peça principal com que o caminho *Vei Vai* foi construído é um corpo de uma cobra que para isso foi abatida. Para os macurap e os jabutis a ponte sobre a qual passa a alma também é uma cobra, mas viva.